UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

Caderno de Resumos

Rio de Janeiro
2017

Daniel Lemos Cerqueira; Rafael Moreira Fortes; Joana Martins Saraiva
(org.)

XXIII COLÓQUIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO: CADERNO DE RESUMOS

Rio de Janeiro
2017

CERQUEIRA, D. L.; FORTES, R. M.; SARAIVA, J. M. (org.).
XXIII Colóquio do Programa de Pós Graduação em Música da Unirio: caderno de resumos. Rio de Janeiro: PPGM/UNIRIO, 2017.
108 f.

1. Música. 2 Instrução e estudo. 3 Pesquisa em Música.

CDD – 780.0

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Prof. Dr. Luiz Pedro San Gil Jutuca
Vice-Reitor: Prof. Dr. Ricardo Silva Cardoso
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alcides Wagner Serpa Guarino
Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa: Prof.ª Dr.ª Evelyn Goyannes Dill Orrico
Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Prof.ª Dr.ª Cláudia Alessandra Fortes Aiub
Pró-Reitora de Planejamento: Prof.ª Dr.ª Loreine Hermida da Silva e Silva
Pró-Reitora de Administração: Núria Mendes Sanches
Pró-Reitor de Gestão de Pessoas: Carlos Antonio Guilhon Lopes
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Prof.ª Me. Mônica Valle de Carvalho

Decana do Centro de Letras e Artes: Prof.ª Dr.ª Carole Gubernikoff
Diretor do Instituto Villa-Lobos: Prof. Dr. Sergio Azra Barrenechea

Coordenador do Doutorado do PPGM: Prof. Dr. Marcelo Carneiro de Lima
Coordenador do Mestrado do PPGM: Prof. Dr. Pedro de Moura Aragão
Coordenador da Graduação em Música: Prof. Dr. José Nunes Fernandes

Organização do XXIII Colóquio do PPGM

Docentes: Prof.ª Dr.ª Inês Rocha, Prof. Dr. Alexandre Fenerich
Geral: Michele Manica, Renato Borges
Acadêmica: Daniel Cerqueira, Joana Saraiva, Rafael Fortes
Comunicação: Adriana Rodrigues, Bethânia Brandão, Felipe Pacheco, Ricardo Cotrim
Infraestrutura: Caio Teles, Carlos Eduardo Soares, Lucas Guerra, Luísa Lacerda, Pedro Mendonça

_____. **Spectromorphology: Explaining Sound-Shapes.** Organized Sound, Vol. 2, Issue 02, pp.107-126, august 1997.

THORESEN, Lasse. **Spectromorphological Analysis of Sound Objects: An adaptation of Pierre Schaeffer's Typomorphology.** In: Terminology and Translation - Beijing - EMS06, 2006.

_____. **Form-building Transformations: an approach to the Aural Analysis of Emergent Musical Forms.** Journal of Music and Meaning, Issue 4, Winter 2007.

VILLENA, Marcelo. **Problemáticas de transcrição e análise de música indígena a partir de um canto yanomami: Diálogo Yãimu.** In: Revista Portuguesa de Musicologia, 2016.

JAMAIS FOMOS DISCIPLINARES: CONSIDERAÇÕES SOBRE DUAS VISÕES SOBRE A INTERDISCIPLINARIDADE ONIPRESENTE NA PESQUISA EM MÚSICA NO BRASIL

Renato Pereira Torres Borges
Orientador(a): Martha Ulhôa
Programa-Instituição: PPGM-UNIRIO

Esta comunicação busca subsidiar abordagens críticas mais atentas à interdisciplinaridade e mais conscientes de posturas adotadas no campo de pesquisa em música no Brasil. Para isso, apresenta e comenta duas visões diferentes de interdisciplinaridade presentes na pesquisa brasileira. A necessidade de pensar a interdisciplinaridade surge do fato de que, frequentemente colocadas em prática durante os processos de pesquisa, essas duas conceituações distintas são decisivas em diversos âmbitos do meio acadêmico. Elas conformam e definem aceites em publicações, existências de associações, realizações de eventos, estabelecimentos de linhas de pesquisa, aceites e recusas em processos seletivos de Programas de Pós-Graduação (PPGs), avaliações da CAPES e outros processos.

De um lado, há uma acepção de interdisciplinaridade como a interface entre áreas de conhecimento. Assim são os casos de duplas como “música e educação” ou “música e sociologia”. Essa postura é percebida mais comumente no domínio metodológico das pesquisas. Historicamente, o estudo da música sempre incorporou conceitos e métodos de outras áreas de conhecimento, desde as mais antigas relações com a filosofia, a retórica e a educação, até as recentes interações com a teoria da informação, a neurociência, os estudos de gêneros e as ciências da cognição. Nessa abordagem de pesquisa, a participação da música geralmente se dá no âmbito de objeto de estudo, ao qual metodologias são adequadas.

Essa primeira visão sobre interdisciplinaridade dá origem e sustenta a divisão vigente da pesquisa em música em subáreas (*performance*, musicologias, composição, educação musical, etc.). Linhas de pesquisa em PPGs em música no Brasil são, em sua maioria, organizadas a partir dessa forma de se relacionar com outras áreas de conhecimento: oferecendo um objeto musical a conceitos e ferramentas de outra(s) disciplina(s).

Embora, oficialmente, as linhas de pesquisa se configurem como domínios murados que procuram definir com clareza "o que está dentro" e "o que está fora" (uma forma de pensar mais comum nas ciências exatas), elas também apresentam, em seus cernes, partes de diferentes outros campos. Por isso, por contraditório que pareça, realizar um projeto de pesquisa em uma linha de pesquisa de um PPG brasileiro, via de regra, já significa realizar uma pesquisa interdisciplinar por natureza. Ironicamente, os pesquisadores, mesmo circunscritos a um domínio murado como as linhas de pesquisas, se veem permanentemente em diálogo com outras áreas de conhecimento. Esse aspecto está tão entranhado no pensamento de investigação musical que, à primeira vista, outras formas de agrupar os pesquisadores são difíceis de conceber. Por isso, é tão fácil classificar certas pesquisas como "menos interdisciplinares". Nesses casos, em realidade, os vínculos com outras disciplinas são tão tradicionais que os conceitos e métodos costumam ser visto desavisadamente como musicais.

A segunda definição encontrada no meio acadêmico musical brasileiro para interdisciplinaridade emerge da interface das subáreas do próprio campo musical. É o caso de pesquisas que se posicionam, por exemplo, entre análise e etnomusicologia ou entre *performance* e composição.

É importante destacar que diálogos estabelecidos por trabalhos como esses não são exatamente uma novidade, apesar de muitas vezes serem assim tomados. Pelo contrário, eles só podem ser vistos como novidade se partirmos (e normalmente partimos) de uma teoria que, para nós, distingue essas linhas de pesquisa. Assim, só é surpresa uma pesquisa que alie análise musical e *performance* se pensarmos, de partida, que análise musical e *performance* estão separadas.

Desse ponto de vista, as linhas de pesquisa funcionam muito mais como polos a que uma determinada pesquisa se aproxima, do que necessariamente domínios fechados. A possibilidade de gradação ("um pouco de *performance* e muito de musicologia", por exemplo) atende sobretudo a uma tentativa de adequação da metodologia ao objeto, característica comum nas pesquisas na grande área das Humanidades.

Certas subáreas da pesquisa, como a educação musical, não têm como dispensar interfaces. Essas pesquisas tratam do ensino e/ou aprendizagem de um ou mais aspectos musicais no âmbito da teoria, da análise, da composição, da prática instrumental, etc. Por isso, há uma intensificação do trânsito de pesquisas dentro da própria área de música: os professores de música consultam publicações e pesquisadores das outras subáreas, a fim de produzir sobre formas de ensinar e/ou aprender sobre o aspecto desejado. Por definição, a pesquisa em educação musical não tem como se distanciar das outras linhas de investigação musical.

Por fim, cabe ainda apontar o resultado de tentativas de delimitar uma pesquisa a uma linha, buscando deliberadamente não observar o que acontece fora de sua subárea. É comum observar, nesses casos, a existência de esforços duplicados, realizando etapas de investigação já em pleno desenvolvimento em outra subárea, como na emblemática sobreposição de esforço das pesquisas que se dedicam à "improvisação" (circunscritas normalmente à área de *performance*) com as que lidam com "composição em tempo real" (em geral na área de composição musical).